



PENSANDO AS MULHERES NO ESPORTE OLÍMPICO E NA COBERTURA ESPORTIVA BRASILEIRA COM KATIA RUBIO

THINKING ABOUT WOMEN IN OLYMPIC SPORT AND BRAZILIAN SPORTS COVERAGE WITH KATIA RUBIO

*Luciano Victor Barros Maluly¹
Thais May Carvalho²*

Resumo

Os Jogos Olímpicos de Paris 2024 vão marcar a primeira vez na história que as mulheres representarão 50% dos atletas no evento. Este número representa uma luta centenária em busca de espaço no campo esportivo. Porém, nota-se que a cobertura jornalística sobre o esporte feminino ainda não representa esta igualdade. Em entrevista, a professora e especialista em olimpismo no Brasil, Katia Rubio, fala sobre a conquista das mulheres no cenário esportivo (em especial no contexto dos Jogos Olímpicos) e o que ela vê sobre a cobertura jornalística sobre as atletas.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; mulheres; jornalismo esportivo.

Abstract

The Paris 2024 Olympic Games will mark the first time in history that women will represent 50% of athletes at the event. This number represents a century-old struggle in search of space in the sports field. However, it is noted that journalistic coverage of women's sport still does not represent this equality. In an interview, professor and expert on Olympism in Brazil, Katia Rubio, talks about the achievements of women in the sports scene (especially in the context of the Olympic Games) and what she sees about the journalistic coverage of athletes.

Keywords: Olympic Games; women; sports journalism.

Introdução

Foram necessários 128 anos para que uma edição dos Jogos Olímpicos tivesse o mesmo número de atletas homens e mulheres. Segundo os cálculos do Comitê Olímpico

¹ Professor e doutor em Ciências da Comunicação, ambos pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo: E-mail: lumaluly@usp.com

² Jornalista e mestranda do Programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo: E-mail: thaismaycarvalho@outlook.com



Internacional (COI), em Paris 2024 haverá 173 eventos que contarão com a participação de 5250 mulheres. Este número histórico, coincidentemente, acontece na mesma cidade sede onde as mulheres puderam competir pela primeira vez nas Olimpíadas modernas. Em 1900, a organização responsável pela segunda edição dos Jogos permitiu que 22 mulheres participassem de eventos de golfe e tênis³. Os anos que separam essas duas edições dos Jogos Olímpicos viram as mulheres lutarem por diversos direitos sociais, trabalhistas e políticos, inclusive o direito ao esporte, conquistando, dessa forma, espaços públicos que antes eram destinados ao poder masculino (Goellner, 2004).

Autores como Romero (2004), Januário (2016) e Rihan (2017) atentam para o fato de que a mídia, especialmente aquela especializada em esportes - que é um espaço predominantemente dominado pelo masculino -, trata de forma distinta homens e mulheres. Permeado por questões de gênero, o jornalismo esportivo contribui para a hierarquização do masculino como superior e o feminino como inferior. Enquanto eles geralmente são retratados pelos seus feitos, os aspectos técnicos e táticos, sua força, coragem e determinação, quando se trata de esporte feminino, esses aspectos muitas vezes são deixados de lado e se ressalta a beleza, o corpo, a sexualidade e a questão emocional. Não só isso, pesquisas como as de Souza e Knijnik (2007) apontam que a cobertura dedicada ao esporte feminino é muito menor do que aquela dedicada ao esporte masculino.

Com o objetivo de pensar como a mulher atleta se encaixa nesta intersecção de dois espaços tipicamente masculinos - o esporte olímpico e o jornalismo esportivo -, conversamos com a professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Katia Rubio, no estúdio de rádio do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP no dia 10 de abril de 2024⁴. A pesquisadora é formada em jornalismo (Faculdade Cásper Líbero/1983) e psicologia (PUC-SP/1995), fez mestrado em educação física (EEFE-USP/1998) e doutorado em educação (FE-USP/2001). Ela é referência em pesquisas sobre olimpismo no Brasil, com trabalho em diversas áreas que

³ <<https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Olympic-Movement/Factsheets/Women-in-the-Olympic-Movement.pdf>> Acesso: 09 de junho de 2024.

⁴ A pauta e a edição desta entrevista foram produzidas por Thais May Carvalho e Luciano Maluly. A gravação foi realizada por Luciano Maluly e a mediação por Thais May Carvalho.



tangem este tema e 40 livros publicados sobre psicologia do esporte e olimpismo, entre eles **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta** (2021).

Entrevista

Thais May Carvalho: *Para começar, gostaria de retomar uma proposta que você fez em um artigo de 2010 chamado "Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização", quando diz que para estudar os Jogos Olímpicos é preciso que eles sejam periodizados com o objetivo de contextualizar a realização de cada uma das edições em relação ao tempo e à sociedade no qual eles estavam inseridos. Neste artigo você periodiza a história olímpica moderna em quatro etapas: a fase de estabelecimento, que vai de Atenas 1896 a Estocolmo 1912; a fase de afirmação, que vai de Antuérpia 1920 a Berlim 1936; a fase de conflito, que vai de Londres 1948 a Los Angeles 1984; e a fase profissional, que vai de Seul 1988 até hoje. O que eu gostaria de perguntar é como a história da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos se encaixa nestas quatro fases?*

Katia Rubio: Na verdade, eu já incluiria uma quinta fase, que é pós Rio de Janeiro 2016. Eu vejo os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro foram um marco para a história olímpica, pelo esgotamento do modelo profissional e também a entrada de novas mídias. Os Jogos Olímpicos não vivem sem os meios de comunicação. Aquele modelo de TV, rádio, jornal impresso, ele é superado por todas as novas mídias. Eu fiz uma revisão dessa periodização e já incluí o Rio de Janeiro como essa nova fase. Mas a questão da mulher, ela caminha muito proximamente a essas fases. Porque se a fase de estabelecimento ela se relaciona ainda com a surpresa de uma confraternização, de uma celebração esportiva, como deveria ser os Jogos Olímpicos, ela também reflete o momento em que isso acontece, que é final do século XIX, começo do século XX e todo o posicionamento das mulheres na sociedade em relação a isso. Então, a luta pelos direitos trabalhistas, é a luta pelo direito de voto, é a luta pela prática esportiva. Afinal de contas, as mulheres são proibidas de participar dos Jogos de 1896. E o argumento



para isso é um argumento biológico, o que mostra como as ciências biológicas elas interferem em questões sociais muito delicadas, como a condição do ser mulher. Então, o argumento de que elas eram frágeis e que o esporte é uma atividade viril afasta as mulheres da participação esportiva durante toda essa fase de estabelecimento. Então, já na fase de afirmação, nós já temos uma participação maior das mulheres, que é já o período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Mas também é um momento de muito conflito, porque as mulheres estão lutando para ser incluídas. Eu digo lutando porque nada foi concedido às mulheres no campo do esporte. Toda a participação feminina hoje, ela ocorre em função de muita luta. Luta essa que inclusive excluiu as protagonistas dessa luta lá nessa fase de afirmação. Na fase de conflito, o que a gente tem é os Jogos Olímpicos servindo de cenário para um conflito gerado pela Guerra Fria, entre os blocos, que vai expor também um entendimento do que é o corpo da mulher no esporte. Porque essa mulher, determinada pelo Comitê Olímpico Internacional, é uma mulher muito específica. É uma mulher branca, europeia, definida por um estereótipo de corpo que não se aplica, por exemplo, às mulheres africanas nem às mulheres do mundo colonizado. E esse preço a gente vê a Semenya, a Caster Semenya pagando agora na fase do profissionalismo, por ser uma mulher de altíssimo rendimento, mas não se enquadrar nesse corpo, nesse padrão de corpo feminino ditado por esses mandantes do esporte europeu.

Thais May Carvalho: *Em textos e falas do Barão Pierre de Coubertin, o idealizador dos Jogos Olímpicos modernos, ele mostra sua opinião sobre a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos e no esporte. Em um texto de 1936, por exemplo, Coubertin diz: "Concebo o olimpismo moderno como uma espécie de altis moral em seu centro, uma cidade sagrada onde haviam se reunido para enfrentar suas forças os competidores dos esportes masculinos por excelência, esportes cujo objetivo é a defesa do homem, seu domínio sobre si mesmo, sobre o perigo, sobre os elementos, sobre o animal, sobre a vida". O Barão continua: "Também as mulheres poderiam participar, se é que se considera necessário. Pessoalmente, não aprovo a participação de mulheres em competições públicas, o que não significa que se devam abster de praticar um*



grande número de esportes, com a condição de que não seja um espetáculo. Seu papel nos Jogos Olímpicos deveria ser, essencialmente, como nos antigos torneios, o de coroar os vencedores."⁵ *Você pode comentar sobre esta visão de Coubertin e como ela impactou a participação das mulheres no meio esportivo naquela época e nas décadas seguintes?*

Katia Rubio: O Pierre de Coubertin é um homem do seu tempo. Ele é a voz do que eram os homens do seu tempo. Um aristocrata branco francês, com uma mentalidade colonialista, desprovido de qualquer preconceito sobre si mesmo. Então ele está no centro do mundo, como estavam os homens brancos, aristocráticos e burgueses da Europa do final do século XIX. E veja, é interessante pensar que essa mulher concebida pelo Pierre de Coubertin, é também a mulher que vai oferecer ao Freud as condições para desenvolver a psicanálise, né? Então a mulher do Coubertin é a histérica do Freud. Então, há muitos elementos nessa perspectiva do que é ser mulher do final do século XIX que não pode ser olhado com os olhos que nós temos hoje. Então, ele era a voz do seu tempo. O que a história nos mostra, nos possibilita compreender, foi o quanto as mulheres tiveram que lutar para poder chegar a ser hoje quase 50%, ou deve superar a marca dos 50% de participação nos Jogos de Paris desse ano. Não foi uma luta fácil. Eu diria que ainda não é uma luta fácil, porque essa mulher dita pelo Coubertin, que serve para coroar os homens, elas ainda continuam lutando pelos espaços, na gestão e nas lideranças de equipes. Porque se esse domínio das quadras, das pistas já se dá, ainda há muito o que correr no campo da gestão.

Thais May Carvalho: *Antes mesmo dos Jogos Olímpicos serem retomados no final do século XIX, existia uma visão relatada por diversos pesquisadores, como a Ana Maria Miragaya, de que o esporte era um espaço exclusivo para que os homens mostrassem suas virtudes, como força, agilidade, coragem e determinação. Enquanto isso, outras características eram desejadas para as mulheres, como fragilidade, delicadeza e beleza. Já a pesquisadora Silvana Goellner fala sobre como a prática esportiva é uma*

⁵ Müller e Todt, 2015, p. 575.



atividade generificada e que a diferença na experiência de homens e mulheres neste campo se dá por questões sociais e culturais, que seguem uma lógica hierárquica. Segundo ela, isso fez com que por muito tempo o esporte fosse um campo predominantemente masculino. Como você enxerga a construção deste imaginário social sobre o campo esportivo como sendo um espaço das virtudes dos homens? E como esta visão social sobre as características desejáveis para as mulheres afetou e ainda afeta a participação delas no esporte e nas Olimpíadas?

Katia Rubio: Veja, a construção do imaginário e dos papéis sociais se dá assentada em narrativas. E a narrativa sobre a mulher até a década de 1970 era feita por homens. Então, quando você tem homens construindo narrativas sobre mulheres, é óbvio que vai haver um descompasso entre aquilo que se é e aquilo que se deseja ser. Então, a narrativa construída sobre a mulher no século XIX é que ela deveria ser bela, recatada e do lar. Ela devia ser uma pessoa dedicada à criação dos filhos a um ambiente privado, nunca público. Então, essa mulher que se dispõe a ser pública, ela paga o preço de afrontar uma narrativa hegemônica produzida pelos diferentes meios. E que é muito interessante você observar como os meios de comunicação, eles caminham muito próximo dos Jogos Olímpicos. Então, num primeiro momento, a gente tem os jornais impressos. Num segundo momento a gente tem o jornal impresso e as rádios. No terceiro momento, o cinema entra em 1936, principalmente com a Leni Riefenstahl. E a gente vai ter a TV chegando na década de 1960, alterando radicalmente a narrativa sobre o esporte, os Jogos Olímpicos e a mulher dentro dessa perspectiva, porque você já tem a imagem chegando junto com essa narrativa. Então isso vai afetando também radicalmente a presença, o imaginário sobre a mulher dentro do esporte, porque já não é alguém falando sobre ela, mas ela se apresentando ao vivo e em cores, no seu potencial e na sua humanidade. A questão biológica, ela permeia o discurso olímpico sobre as mulheres por conta da força que a ciência tem na virada do século XIX para o século XX. Uma ciência feita por homens.



Imagem 1: Entrevista com a professora Katia Rubio.



Thais May Carvalho: *Ainda dentro desta temática, autores como Pierre Bourdieu, Maxwell McCombs e Jorge Ribeiro, falam sobre como o jornalismo é uma via de mão dupla no sentido em que ele é influenciado, mas também influencia questões econômicas, políticas e sociais. Qual você acha que é hoje a influência do jornalismo esportivo na concepção e na reprodução de um imaginário sobre as mulheres atletas?*

Katia Rubio: Eu vejo que a comunicação de uma forma geral, e o jornalismo em específico, ele sofre, nesse momento, de uma pulverização em relação aos meios. Então, se num momento passado o esporte em específico, o jornalismo esportivo em específico, era o que sobrava das editorias. Mas ainda assim, nós tínhamos profissionais muito qualificados, porque eram pessoas que se dedicavam a entender o esporte. Hoje, o que eu vejo é uma pulverização que se dá num nível de horizontalidade absurda, que faz



o jornalista ser muito mais torcedor do que um conhecedor do que fala, comprometendo sobremaneira a qualidade da informação que ele passa para o público, dificultando a formação de uma massa crítica sobre o esporte. Porque o que o jornalismo hoje faz com o público é tornar o público apenas e tão somente torcedor, e não um conhecedor daquilo que ele assiste.

Thais May Carvalho: *Em um passado recente - dos anos 1990 até meados dos anos 2010 -, alguns levantamentos feitos pela Universidade de Cambridge, por Emma Sherry, Jorge Knijnik e alguns outros pesquisadores, apontam que há uma disparidade no volume de matérias sobre a prática esportiva de homens e mulheres. Essas e outras pesquisas, como uma feita por Tayane Rihan em 2017, também mostram que há uma diferença na linguagem utilizada dependendo do gênero dos atletas. Você pensa que este cenário mudou recentemente ou ainda há uma grande disparidade quantitativa e qualitativa do jornalismo esportivo na sua cobertura de homens e mulheres? E como é possível diminuir essas diferenças?*

Katia Rubio: Então, é importante a gente considerar que o jornalismo, durante muito tempo, foi um território masculino. E se o jornalismo era um território masculino, o jornalismo esportivo em particular, ele era essencialmente masculino. Por quê? Por conta dessa relação do esporte com a masculinidade. Então isso afetava, obviamente afetava, comprometia, eu diria, a qualidade da notícia de forma muito enfática, porque o discurso jornalístico sobre as mulheres, ele era carregado de preconceito. Ele era carregado de verbalizações hoje consideradas extremamente ofensivas. Porque a construção dessa nova narrativa, eu vou dizer nova porque ela não tem uma década ainda, sobre a mulher, sobre o não dito ou as entrelinhas, ou as figuras de linguagem utilizadas para classificar ou para descrever as mulheres, hoje ela é muito mais delicada. Então, sim, essa construção narrativa masculina sobre a mulher interferia diretamente nessa notícia ou nessa narração de um jogo, por exemplo, feita por homens machistas ou não necessariamente machistas, mas não letrados numa narrativa respeitosa sobre as mulheres. E aí o que a gente via era, por exemplo, as meninas do vôlei, né? Eu lembro



da da capa da Times quando a Nadia Comaneci, em 1976, foi assim a grande estrela dos Jogos de Montreal. E a capa era a *doll for a doll*, né? É uma boneca para uma boneca. Então toda a referência a essa mulher ou é da delicadeza, olha como cabe bem no discurso europeu branco, né? A característica da Nadia Comaneci, uma branquinha, bonitinha, meiguinha, nesse papel da mulher europeia, não é? Então, tudo é muito recente e eu penso que a construção do papel da mulher no esporte e no jornalismo esportivo, ela não tem uma década ainda. E as mulheres pioneiras do jornalismo esportivo, assim como as atletas, pagaram um preço muito alto por essa construção.

Thais May Carvalho: *Para falar sobre a pauta das mulheres atletas no jornalismo esportivo, nós estamos analisando o programa do SporTV, Ça Va Paris⁶. Durante nossa visita, uma das entrevistadas responsáveis pela produção do programa falou sobre como hoje a redação e as posições de poder dentro da empresa têm maior representatividade. Segundo ela, há mais pessoas negras, mulheres e da comunidade LGBTQIA+. Para esta entrevistada, essa diversidade traz um olhar mais diverso e sensível à cobertura esportiva. Você acha que essa maior diversidade na redação reflete na diversidade do conteúdo esportivo e em uma mudança de postura na cobertura em relação às mulheres?*

Katia Rubio: Veja, eu tenho dúvida se isso não é apenas uma jogada hipócrita para dar conta da pauta social. O fato de ter mulheres negros e negras, LGBTQIA+ dentro das redações não significa inclusão. Significa que a empresa está cumprindo uma pauta social que é geral. Mas eu quero ver se ela se sustenta. Porque quando isso de alguma forma provoca um estremecimento na estrutura ideológica da empresa, você pode ter certeza que a notícia não chegará da forma como deveria. Então é um grande cartão de visitas, como acontece em inúmeras empresas, mas isso não significa, de fato, uma

⁶ O programa Ça Va Paris é objeto da pesquisa **A construção de pautas sobre atletas mulheres na mídia esportiva brasileira**, que está sendo desenvolvida por Thais May Carvalho no Programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. A pesquisa de campo aconteceu nos dias 6 e 7 de julho de 2023, quando foi feita uma visita técnica no estúdio do canal SporTV para acompanhar a gravação e coletar entrevistas com os integrantes da equipe do programa: Thiago Teixeira, Juliana Sampaio, Fabiana Alvim e Ana Carolina Oliveira da Silva.



proposta inclusiva, porque a proposta inclusiva vai se dar lá no produto final. Então, se a gente tem um programa ou outro aonde se tem um pouco mais de cuidado, acho que vale um estudo estatístico para ver o quanto de fato isso está sendo utilizado.

Thais May Carvalho: *Durante nossa visita aos estúdios do Ça Va Paris, em julho de 2023, as pessoas envolvidas na sua produção também ressaltaram que não há necessariamente uma preocupação em balancear a participação de entrevistados homens e mulheres, apesar de ressaltarem que isto acontece naturalmente, pois já há um balanço dos dois gêneros no contexto olímpico brasileiro. O que você pensa sobre esta posição?*

Katia Rubio: Eu volto a dizer, eu quero um estudo estatístico sobre isso. Porque é muito fácil você jogar para o natural. Ah, naturalmente, nós temos 50%. Não. A gente tem quase uma igualdade entre homens e mulheres na participação, mas eu quero saber a qualidade dessa participação. Porque nós sabemos que existem figuras carimbadas e a busca pela audiência faz com que o repórter e a produção busque aqueles rostinhos que dão mais audiência, porque o que vale hoje é o clique. O que vale hoje é o like, não é? Então, me incomoda demais ver jornalista que não sai, não levanta da cadeira para fazer matéria. Ele pega o telefone... Pior do que pegar o telefone hoje é pegar o TikTok e o Instagram para fazer a matéria a partir da publicação dos atletas. Então, desculpe, naturalizar essa ocupação de espaço me parece uma resposta muito fácil diante das evidências que não, não são essas. Não são essas. Os homens ainda aparecem mais. E olha, a gente nem está falando de futebol, porque se a gente observar o espaço dado nas editorias de esporte aos esportes olímpicos e ao futebol, os Jogos Olímpicos vão aparecer três meses antes dos Jogos Olímpicos, e os outros três anos e oito meses é dedicado 90% ao futebol.

Thais May Carvalho: *Durante essas conversas com os entrevistados do Ça Va Paris, uma questão que surgiu foi justamente a preocupação desses jornalistas em ter espaço*



para o esporte olímpico. Eles tentam trazer o esporte olímpico para dentro da redação, o que já é uma luta bem difícil segundo eles.

Katia Rubio: O desequilíbrio já está aí. Porque também não se fala do futebol feminino. Não, é aquelas coisas infundáveis sobre o gol anulado, sobre o erro do VAR, sobre o juiz, coisa e tal. Como é que você desenvolve uma cultura esportiva num país desse jeito? A gente não faz cultura esportiva com três meses de antecedência dos Jogos Olímpicos. Não. E aí depois as emissoras reclamam que a audiência tá baixa. Claro que tá baixo. Se você não desenvolve uma cultura esportiva, o produto não vai ser consumido. E, nesse sentido, os meios de comunicação são inteiramente responsáveis pelo analfabetismo esportivo que o país vive.

Thais May Carvalho: *Você gostaria de trazer mais algum tópico para nossa entrevista?*

Katia Rubio: Eu queria agradecer a oportunidade de estar aqui e dizer que a questão é da compreensão do esporte olímpico e da mulher no esporte não é uma questão só dos meios de comunicação. É uma questão da universidade também. Olhe para dentro da universidade e veja quantas mulheres estudam esse tema. E aí você vai me dizer se esse equilíbrio está justo.

Eu vejo que um marco no jornalismo esportivo feito por mulheres começa lá com a Denise Mirás nos anos 90, coisa e tal. Mas é a criação do Dibradoras. Elas começam, são três mulheres jornalistas apaixonadas por futebol, que começam fazendo cobertura de futebol e hoje elas ampliaram para cobertura de mulheres no esporte. Mas elas estão sem patrocínio para ir para Paris. Então elas já são reconhecidas nesse campo, uma delas está dentro da Globo, mas elas estão hoje sem patrocínio para bancar os custos básicos do canal e ir para Paris também. Então, veja, quando chega o campeonato, seja a Copa do Mundo de Futebol Feminino ou os Jogos Olímpicos, todo mundo quer falar de mulher, mas as mulheres não vivem só para esses momentos específicos. Elas sobrevivem contando histórias, fazendo matérias não só sobre a prisão do Daniel Alves



e do Robinho. Porque aí elas são chamadas. Mas elas querem falar de outras coisas também.

Thais May Carvalho: *Hoje, para mim, parece haver uma intenção, ainda muito tímida, de inclusão das mulheres nos meios de comunicação de esporte. Mas é preciso incluir mais mulheres para falar não só de esporte feminino, mas também para falar de esporte no geral.*

Katia Rubio: Ainda para mim, esse discurso de inclusão, ele é hipócrita. Ele mascara uma necessidade de não entrar em conflito nesse campo porque está muito sensível. Mas praticamente eu ainda tenho dificuldade de ver isso acontecer para valer, respeitando a voz dessas mulheres jornalistas naquilo que elas fazem. Porque é muito fácil acusar uma mulher de um erro na narração ou na cobertura de um fato. Peraí, olha quanta bobagem homens falam nas transmissões e nas análises dos jogos, mas deles ninguém fala.

Thais May Carvalho: *Um dos entrevistados do programa Ça Va Paris falou que desde 2016 houve uma mudança na direção da empresa, e por isso está mais difícil incluir esportes olímpicos na programação.*

Katia Rubio: Eles tiraram programas específicos para fazer só eventos. Então, foi uma mudança editorial que tem um impacto profundo nisso que eu chamo de letramento esportivo. Se as pessoas não têm esse letramento na escola, elas vão buscar em outras fontes, não é? E hoje em dia qualquer um constrói um blog, qualquer um constrói um canal. Não... São poucos os Cazés por aí. E o que a gente vê é muita bobagem, é muita idiotice.

Referências

BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar, 1997.



CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS (ED.). *Language, Gender and Sport*. 2016.

GOELLNER, S. Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia. *Anais do III Fórum de debate sobre mulher & esporte: mitos e verdades*. Anais...São Paulo, Brasil: set. 2004. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf>>. Acesso em: 6 de outubro de 2021

JANUÁRIO, S. B. A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. *Observatório (OBS*)* – v. 10, n. 1, p. 137–149, 2016.

MÜLLER, N; TODT, N. *Pierre de Coubertin (1863-1937): Olimpismo - Seleção de textos*. Porto Alegre, Brasil: Edipucrs, 2015.

RIHAN, T. M. A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil: O que noticiam sobre elas? *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*. Anais...Florianópolis, Brasil: 2017.

ROMERO, E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. *Anais do III Fórum de debate sobre mulher & esporte: mitos e verdades*. Anais...São Paulo, Brasil: set. 2004. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf>>. Acesso em: 6 de outubro de 2021

RUBIO, K. *Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta*. 1. ed. São Paulo: Laços, 2021. v. 1. 256p.

RUBIO, K. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* – v. 24, p. 55–68, mar. 2010.

SHERRY, E.; OSBORNE, A.; NICHOLSON, M. Images of Sports Women: A review. *Sex Roles* – v. 74, n. 7, p. 299–309, 2016.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* – v. 21, n. 1, p. 35–48, 2007.